

Babá

Manual de instruções

Guia para a mãe

ROBERTA PALERMO

BABÁ – MANUAL DE INSTRUÇÕES

guia para a mãe

Copyright © 2009 by Roberta Palermo

Direitos desta edição reservados para Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Editoras assistentes: **Andressa Bezerra e Bibiana Leme**

Ilustração da capa: **Ana Roberta Tartaglia**

Finalização da capa: **Acqua Estúdio Gráfico**

Projeto gráfico e diagramação: **Acqua Estúdio Gráfico**

Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

Mescla Editorial

Departamento editorial:

Rua Itapicuru, 613 – 7º andar

05006-000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3872-3322

Fax: (11) 3872-7476

<http://www.mescla.com.br>

e-mail: mescla@mescla.com.br

Atendimento ao consumidor:

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado:

Fone: (11) 3873-8638

Fax: (11) 3873-7085

e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

*Dedico este livro a todas as babás que passaram pelo meu
Curso de Formação de Babás nos últimos quatro anos.
Obrigada por me ensinarem tudo sobre essa profissão
tão fundamental nos dias de hoje.*

Agradecimentos

A Ciça e Renato Botelho, por permitirem a realização do Curso de Formação de Babás em sua escola.

A todas as mães que a mim confiaram suas babás.

Aos meus amigos e amigas da See-Saw/Panamby, por fazerem parte do meu dia a dia.

A Marcio Palermo, meu marido, por estar sempre presente na minha vida e diariamente conversar comigo sobre o meu trabalho.

A Lucas, Amanda e Pedro, por terem me dado a oportunidade de descobrir na prática como é gratificante cuidar pessoalmente de uma criança.

À terapeuta familiar Maria Rita D'Angelo Seixas, por ter incentivado meu crescimento profissional.

À psicóloga Bia Amaral, por ter trocado tantas figurinhas comigo no primeiro ano do Curso de Formação de Babás, do qual participava como ouvinte.

Sumário

Prefácio	11
Apresentação	13
Introdução – A família hoje e o papel da babá	17
1. Como encontrar uma boa babá	31
2. As principais dúvidas da mãe em relação às babás	41
3. Legislação: chata, mas necessária	71
Conclusão	77

Prefácio

O objetivo principal dos pais é promover a saúde, a educação e o bem-estar aos seus filhos. As opções de estilo de vida resultam numa vida saudável ou não. Os pais devem dar exemplos de uma dieta nutritiva, fazer exercícios regularmente, ler, ter relacionamentos harmoniosos e respeitosos e uma vida equilibrada. A maior influência são os exemplos, e não um discurso dissociado de um estilo de vida.

Devemos, como pais, esforçar-nos para ser pessoas melhores e, assim, influenciar genuinamente nossos filhos. A educação necessita de princípios e valores – como respeitar a autonomia da criança que estamos formando, dar-lhe limites e ter consistência nas atitudes, preservar ou promover sua autoestima e sua resiliência. É importante educar com educação.

O ritmo de vida atual é muito acelerado e precisamos distinguir o que é urgente do que é importante para nós. Dedicar-nos ao cuidado dos filhos, particularmente nos primeiros anos de vida, é primordial para seu desenvolvimento posterior. Saber o que fa-

zer é importante (conhecimento); saber como fazê-lo é essencial (habilidade).

Este livro foi escrito para melhorar a sincronia dos pais com a babá. Esta deve dar suporte e ajudar a cuidar – sem atrapalhar, competir ou impor seu estilo.

Ser mãe e pai é uma experiência singular e deve ser respeitada e incentivada. O ato de cuidar carrega um aprendizado empírico que deve ser realizado plenamente pelos pais, sem culpa.

A sociedade ocidental moderna está exageradamente consumista, hedonista, materialista e individualista. No varejo, pais bem-intencionados podem errar em pequenas decisões, sem impacto relevante na vida da criança. No atacado, dando limites, cuidado, exemplo e amor, não erram. E esse aprendizado não deve ser inibido nem controlado pela babá.

Nesse sentido, este livro vem preencher uma lacuna na literatura brasileira.

Eduardo Juan Troster

Médico coordenador do CTI Pediátrico
do Hospital Israelita Albert Einstein

Professor Livre Docente do Departamento de Pediatria
da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

Apresentação

Eu não tive babá para me ajudar a cuidar do meu filho. Em vez de dividir os cuidados do bebê com alguém, adaptei minha vida para poder dar conta do recado. Na época do nascimento eu era professora em período integral na escola onde trabalho até hoje, e tive a oportunidade de ficar seis meses em licença-maternidade.

Quando voltei à atividade, passei a trabalhar apenas no período da manhã. Nessa ocasião, deixava o meu bebê de 6 meses aos cuidados de uma “babá” na casa da minha sogra. Meu marido deixava o nosso filho lá por volta das 9h e eu o buscava às 12h30, quando dispensava a moça que ajudava minha sogra. Afinal, eu estava de volta. Ter uma babá nos acomoda. Se existe alguém para fazer, por que vamos nos mexer? Sem ninguém, eu era obrigada a fazer tudo em relação aos cuidados.

É importante dizer que eu tinha uma empregada muito boa que cuidava da casa, mas o principal é que meu marido era presente e dividia comigo todas as tarefas do bebê. Foi ele quem primeiro soube que eu estava grávida, pois tirou o teste da farmácia

da minha mão e se trancou no banheiro para fazer suspense! Foi ele quem comprou a primeira roupinha, cortou o cordão umbilical, deu o primeiro banho na maternidade e os primeiros em casa. Trocava as fraldas, brincava, ia ao mercado e fazia todas as papinhas. Ter um marido (ou companheiro, não importa o status da união) presente é fundamental para a mulher que decide não ter babá nem enfermeira. Não que tê-las em casa signifique que o marido não ajude com o bebê, mas para não tê-las isso é fundamental.

Meu filho passou então dez meses aos cuidados de uma “babá” e da minha sogra no período da manhã. Por que escrevo “babá” entre aspas? Porque essa moça não era responsável pelos cuidados do meu bebê. Lembro-me de um dia em que ela disse: “Dona Roberta, pode mandar o cortador de unha na sacola, assim eu corto a unha do Pedro”. De jeito nenhum, pensei. Mas agradei. Eu queria cortar todas as unhas do meu filho. Ou o meu marido as cortaria. Eu sempre soube que teria apenas um filho e não queria ter aquela sensação relatada por muitas mães de não ter visto o filho crescer. De uma coisa eu tinha certeza: curtiria muito todas as fases do meu filho. Da mais trabalhosa à mais gostosa. Colocaria a mão na massa para poder dizer: não sinto falta de quando meu filho era bebê. E hoje, após sete anos, sinto exatamente isso. É claro que vem uma certa nostalgia ao ver as fotos, ao assistir aos filmes do meu filho ainda bebê, mas uma coisa é certa: eu vi e o senti crescer.

Outra coisa que ajudou foi não ter uma vida social muito intensa, bem como ter 32 anos quando o Pedro nasceu. Foi muito fácil me entregar totalmente à tarefa de mãe e de esposa sem achar que estava deixando a minha vida de lado. Não parei de trabalhar, só diminuí a carga horária na época. Não deixei de passear, apenas estava sempre com o bebê junto e não passeava à noite.

Mas como alguém que nunca teve babá pode se especializar no tema? Fui um bebê que teve uma mãe e um pai cuidadores e presentes. Sou uma madrasta que cuidava dos pequenos desde seus 1 e 4 anos de idade sempre ao lado de meu marido, sem a ajuda de uma babá. Sou mãe e cuidei do meu bebê. Trabalhei como professora por oito anos e presenciei as mais diversas situações que envolvem babás. Cursei Terapia Familiar na Escola Paulista de Medicina (Unifesp) e então pude unir a prática à teoria desse incrível universo familiar que inclui uma, duas ou até mais babás dentro de uma casa. Mas foi com o Curso de Formação de Babás que ministro há quatro anos que descobri os maiores segredos desse complexo e moderno relacionamento entre mãe e babá.

Meu principal objetivo ao publicar este livro é mostrar às mães que, infelizmente, na maioria das vezes elas delegam todos os cuidados da criança à babá. Esta deve ser um apoio, não a pessoa que se torna responsável pela criança. É ótimo ter alguém para ajudar a cuidar da criança, mas o papel da mãe – e do pai – é fundamental em seu desenvolvimento social, psicológico e biológico.

Pensando nisso, selecionei, neste “lado” do livro, dicas e sugestões às mães, com o objetivo de mostrar a elas quem é a babá e o que esperar dela. Do outro “lado” estão dicas e sugestões às babás, que poderão tirar dúvidas e melhorar o relacionamento com a família para quem trabalha. Às vezes, dirijo-me tanto à mãe quanto à babá, pois o assunto é pertinente a ambas. **Nesses casos, o texto estará com outro tipo de fonte.** Espero que esta obra contemple os dois lados, para que passem a dialogar mais sem se sentir constrangidas.

A autora

Introdução

A família hoje e o papel da babá

A RELAÇÃO FAMILIAR NA ATUALIDADE

Nos dias de hoje, é comum encontrarmos pais e mães nas livrarias em busca de livros sobre educação de filhos. O objetivo é conhecer melhor o tão complicado papel de educar. Também encontramos famílias em consultórios de psicologia conversando com profissionais sobre a mesma questão: como educar os filhos.

Geralmente, esses pais desejam se livrar de situações conflitantes que envolvem seus filhos. Em casos mais graves, buscam até livrar-se desses filhos que os desestabilizam, entregando-os a outros familiares ou a instituições.

Certas famílias esperam que a escola resolva os problemas da criança, esquecendo que essa responsabilidade é dos pais e de outros cuidadores. É a família que, por meio de cuidados e atenção, dará o impulso para formar o caráter das crianças e para encaminhá-las nas boas escolhas de vida.

Não podemos transferir a responsabilidade para quem quer que seja. A escola, a babá e os avós podem ser parceiros, mas a responsabilidade de educar, de decidir, de acompanhar os filhos é dos pais. Estes precisam rever valores e princípios que os ajudarão na relação com os filhos no mundo atual. Necessitam conhecer a nova linguagem das crianças, seus novos hábitos e costumes, mas sem deixar de lado os valores em que acreditam. Os pais precisam fazer o que acreditam ser o melhor, mesmo que na casa do vizinho seja tudo diferente.

É bem mais trabalhoso criar filhos na atualidade, em que acontecem tantas mudanças e evoluções. Porém, as famílias múltiplas de hoje têm muito mais a nos ensinar do que as tradicionais famílias patriarcais.

Se por um lado educar ficou mais complicado, o ser humano tem mais opções de escolha.

Então, o que se espera dos pais?

- Que sejam bons modelos para os filhos.
- Que supram suas carências emocionais, físicas e espirituais.
- Que entendam que os filhos são especiais e se conscientizem de que é seu dever ajudá-los a fazer boas escolhas na vida.
- Que deixem as portas da comunicação e do diálogo sempre abertas.
- Que amem seus filhos.
- Que acreditem que fizeram o melhor por seus filhos e não são culpados pelo que não deu tão certo.

E o que se espera dos filhos?

- Que respeitem os pais e sigam seus bons exemplos.

- Que a cada dia adquiram mais responsabilidade e autonomia.
- Que acreditem que seus pais são especiais e os amam muito.
- Que façam boas escolhas na vida.
- Que transmitam confiança aos pais por meio de atitudes éticas.

SE A FAMÍLIA MUDOU TANTO, QUAL É A FUNÇÃO DELA HOJE?

As pessoas que formam a família são as que compõem sua base. A família é um ponto de encontro, um porto seguro, uma instituição que gera afeto entre seus membros. Há confiança e cumplicidade. Todos combinam e cumprem as regras para viver em harmonia. Obviamente, há momentos de crise – que são fundamentais para que todos cresçam emocionalmente –, períodos de desajustes, de tristeza e, mais uma vez, de alegria. As famílias adaptam-se às necessidades da sociedade à qual pertencem naquele momento. Acabam, então, respondendo às mudanças e adaptando-se como podem.

Não acho que estejamos no melhor momento familiar dos últimos anos. Vivemos em uma sociedade completamente consumista, baseada em modismos momentâneos que confundem até os mais cuidadosos pais. Não é fácil driblar frases das crianças como esta: “Por que eu não posso ir se todos os meus amigos podem?” Até um tempo atrás, as famílias compactuavam com as decisões, então todos podiam ou ninguém podia fazer tal coisa. Ainda assim, como terapeuta familiar posso dizer que é a família que desenvolve um sistema de valores, mitos e crenças. Ela protege e dá apoio emocional. É o primeiro grupo social que as crianças conhecem.

Obviamente, a família mudou. O mais comum é a família nuclear, composta por pai, mãe e filhos, mas temos também casais homossexuais que adotam crianças; pais separados; pais separados que se casaram novamente e formaram novas famílias; mães ou pais solteiros; avós que cuidam mais dos netos do que os próprios pais. Em todos esses casos, a babá é sempre uma ajuda bem-vinda, mas ela precisa se adaptar a muitas diferenças. Nada que uma boa conversa não resolva.

ENTÃO, QUAL O PAPEL DA BABÁ NO SISTEMA FAMILIAR?

Defino família como um grupo de pessoas que residem na mesma casa. Nem sempre têm vínculos familiares de sangue, mas vivem juntas. Acordam, dormem, se alimentam, conversam e se encontram nesse mesmo local diariamente. Ou não se encontram, pois a vida corrida pode até levá-los a não se ver todos os dias. Nem sempre fazem as refeições juntos, mas aos domingos podem se reunir e ter um almoço ou jantar familiar. Alguns integrantes dessa família já formaram outras famílias e também se encontram regularmente (são os irmãos, avós, cunhados e até filhos de outros casamentos que moram com a mãe ou com o pai). Olhando desse ângulo, a babá faz parte da família, quer fique na casa apenas por alguns meses, quer permaneça nela por anos.

Porém, o mais correto seria dizer que a babá é uma *profissional*, que executa um trabalho e recebe por ele. Assim, embora ela participe da vida da família e tenha com esta fortes laços afetivos, trata-se de uma pessoa que trabalha em troca de remuneração – e, ao contrário dos outros membros da família, será constantemente avaliada.

QUAL É O PAPEL DO PAI NA FAMÍLIA HOJE EM DIA?

Normalmente ele provê a família financeiramente, mesmo que a mãe também trabalhe. Ele trabalha muito. Sai de manhã e volta só à noite. Existem pais mais presentes, que levam o filho à escola antes de ir ao trabalho, chegam mais cedo em casa, brincam com a criança e fazem algumas refeições junto com ela. Normalmente é o pai que faz questão da babá folguista [babá que cobre folga de outras] para não ter de acordar cedo no final de semana, poder sair à noite ou para não ter de usar todo seu tempo livre para cuidar da criança.

Considero fundamental rever esse posicionamento, que no fundo reflete um enorme egoísmo – muitas vezes compactuado pela mãe. São casais que colocam uma criança no mundo apenas pensando em si. Parem de pensar “em que mundo deixaremos nosso filho” e pensem “que tipo de estrutura familiar legaremos a ele”.

O fato é que o pai tem papel fundamental na formação de uma criança. Sua participação é certamente mais importante do que a de outros familiares ou até de um irmão. Conheço vários filhos únicos que não têm traumas por não terem um irmão. Conheço, porém, muitas pessoas que, por motivos diversos, não conviveram com o pai. Essas, sim, carregam traumas imensos e narram com tristeza a falta que essa figura fez ao longo de sua vida.

Portanto, a mãe e a babá precisam validar essa participação e dividir as atividades da criança com o pai que quer ser presente. Ele pode ser o responsável pelo banho, por exemplo.

Por outro lado, há pais que precisam se impor para encontrar seu espaço na família após o nascimento do bebê. É comum que a mãe diga que o pai não sabe trocar a fralda, que quando ele dá a

Mãe

Manual de instruções

Guia para a babá

ROBERTA PALERMO

MÃE – MANUAL DE INSTRUÇÕES

guia para a babá

Copyright © 2009 by Roberta Palermo

Direitos desta edição reservados para Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Editoras assistentes: **Andressa Bezerra e Bibiana Leme**

Ilustração da capa: **Ana Roberta Tartaglia**

Finalização da capa: **Acqua Estúdio Gráfico**

Projeto gráfico e diagramação: **Acqua Estúdio Gráfico**

Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

Mescla Editorial

Departamento editorial:

Rua Itapicuru, 613 – 7º andar

05006-000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3872-3322

Fax: (11) 3872-7476

<http://www.mescla.com.br>

e-mail: mescla@mescla.com.br

Atendimento ao consumidor:

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado:

Fone: (11) 3873-8638

Fax: (11) 3873-7085

e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

*Dedico este livro a todas as babás que passaram
pelo meu Curso de Formação de Babás nos últimos quatro anos.
Obrigada por me ensinarem tudo sobre essa profissão
tão fundamental nos dias de hoje.*

Agradecimentos

A Ciça e Renato Botelho, por permitirem a realização do Curso de Formação de Babás em sua escola.

A todas as mães que a mim confiaram suas babás.

Aos meus amigos e amigas da See-Saw/Panamby, por fazerem parte do meu dia a dia.

A Marcio Palermo, meu marido, por estar sempre presente na minha vida e diariamente conversar comigo sobre o meu trabalho.

A Lucas, Amanda e Pedro, por terem me dado a oportunidade de descobrir na prática como é gratificante cuidar pessoalmente de uma criança.

À terapeuta familiar Maria Rita D'Angelo Seixas, por ter incentivado meu crescimento profissional.

À psicóloga Bia Amaral, por ter trocado tantas figurinhas comigo no primeiro ano do Curso de Formação de Babás, do qual participava como ouvinte.

Sumário

Prefácio	11
Apresentação	13
Introdução	17
1. Um retrato da babá	19
2. As principais dúvidas da babá em relação à mãe e à família	25
3. Dicas básicas para trabalhar bem	39
4. Cuidando bem da criança	53
Conclusão	79

Prefácio

Venho de uma família simples, de cinco filhos criados com muita dificuldade. Por isso comecei a trabalhar: precisava ajudar os meus pais. Sempre sonhei ir muito longe. Nunca tive medo de desafios.

Meu primeiro emprego com carteira assinada foi como operadora de caixa. Depois trabalhei como auxiliar de montagem eletrônica, revisora de peças, controladora de qualidade, auxiliar de segurança, frentista de posto de gasolina etc.

Como a maioria das empresas não oferece estabilidade, tive muitos empregos. Um dia, uma colega me ofereceu uma vaga de arrumadeira em uma casa. Foi aí que tudo começou. Na casa havia uma menina de 1 ano e 6 meses chamada Cláudia. Quando cheguei, ela tinha babá; eu era arrumadeira e ajudava os pais quando a babá estava de folga. Sempre gostei de crianças, e a Cláudia logo se tornou minha fiel amiguinha. Ela me chamava de “Ia”. Era “Ia” pra cá, “Ia” pra lá. Um dia, a babá deixou o emprego e eu fiquei no lugar dela. Por gostar muito da profissão, tentei

me aperfeiçoar ao máximo, lendo dezenas de livros e revistas sobre crianças.

Três anos depois, enfrentei outro desafio: cuidar de uma menininha que acabara de nascer, a Julie – filha única, muito esperada e amada. Com essa família aprendi tudo que sei e me tornei a babá que sou hoje. Cuidei da Julie por nove anos e, além do aprendizado, tive muitos privilégios. Salário, presentes, respeito, confiança e muitas viagens. Fui para os Estados Unidos várias vezes. Também conheci Paris, o Chile e muitas cidades do Brasil. Com a Julie aprendi a cuidar de verdade de uma criança, aprendi a educar e a amar.

Quando Julie fez 9, fui cuidar de seu primo Joseph (Jô), com quem estou há dois anos. Esse foi mais um desafio: sempre acostumada com meninas, hoje cuido de um menino. É muito diferente. Estou me esforçando ao máximo para fazer um bom trabalho com ele, e me sinto desafiada, pois gosto de aprender.

Sabemos que educar e cuidar de um filho não é fácil; imagine fazer isso com os filhos de outras pessoas. Nós, babás, temos de nos esforçar para nos adaptar aos costumes de cada família, mesmo quando é muito difícil.

Nestes catorze anos de trabalho, aprendi muito. Sou solteira e não tenho filhos, mas não culpo a profissão. Sou hoje uma pessoa feliz e realizada. Como babá, pude ajudar muito a minha família e realizar vários sonhos.

Maria Gimadôra F. de Oliveira

Apresentação

Tudo começou quando eu era professora de crianças de 2 anos de idade e observei que todas as famílias tinham uma babá para ajudá-las. Com o tempo, porém, notei que, além de ajudar, as babás passavam a assumir tarefas de cuidado – importantíssimas para a formação da criança. Pensei: quem as ajuda quando estão diante de uma situação-problema, como birra ou escândalo para comer na hora da refeição?

Foi exatamente por isso que criei um Curso de Formação de Babás. Meus objetivos foram: orientar as babás em sua jornada diária; dar-lhes um espaço para dividir suas angústias e alegrias; prover dicas e conselhos que as ajudassem a lidar com a criança e a família. Descobrimos juntas, ao longo das dez semanas de duração de cada curso, que é possível entender as regras da mãe e suas angústias em relação à criança. Pudemos fortalecer as babás mais sensíveis e animar as que estavam chateadas depois de um problema relacionado com o trabalho. Muitas vezes, senti-me mãe de todas, pois dali para a frente tornei-me responsável por acolhê-las

e ajudá-las em seu dia a dia. Todas elas sabem que mesmo após o término do curso podem me telefonar e me visitar sempre que precisarem conversar.

O fato é que são tantas histórias inesquecíveis... A conquista da confiança da criança, um elogio dos pais pelo bom trabalho, a primeira viagem à Disney com a família, a compra da casa própria, o filho que caiu da árvore e felizmente se curou rápido, as babás gêmeas na mesma casa, a babá cuja gravidez acompanhamos por vários meses, a que morria de saudades da família, a que trouxe o filho para morar com ela depois que se estabilizou e a que também fazia plástica, como a patroa! Também acompanhei a primeira visita ao ginecologista de uma delas e o fim da dor de cabeça de outra, após a visita ao médico.

O que mais me chamou a atenção foi a fidelidade das babás em relação à família. Elas eram incapazes de reclamar da mãe, a quem eram tão gratas. Conseguiram expor uma chateação de maneira imparcial, pedindo socorro para resolver o impasse.

Como na maioria das vezes as mães delegam todos os cuidados da criança à babá, quero dividir com todas essas profissionais a orientação que dou àquelas que têm a oportunidade de participar do curso. Por isso escrevi este livro. Muitas vezes, a babá acaba se tornando responsável pela criança, mas nunca pode esquecer de que esse papel é da mãe e do pai. Ela deve, então, intermediar essa união, facilitando a relação das crianças com seus pais. Por mais que se sinta orgulhosa pelo fato de a criança gostar tanto dela, é importante que sempre se preocupe em validar a participação do pai e da mãe em seu dia a dia.

Vou contar um segredo que até então era só meu e das “minhas” babás. Para facilitar a comunicação entre babás e pais, dou a seguinte dica: “Digam que, lá no curso, a Roberta comentou que...” Assim elas encontravam uma maneira de tocar em um as-

sunto mais delicado. Agora você pode dizer: “Eu li no livro da Roberta que...”

Pensando em facilitar ainda mais a relação entre a babá e a família, selecionei, neste “lado” do livro, dicas e sugestões às babás, com o objetivo de mostrar a elas quem é a mãe e o que esperar dela. Do outro “lado” estão dicas e sugestões às mães, que poderão tirar dúvidas e melhorar o relacionamento com a família para quem trabalha. Às vezes, dirijo-me tanto à mãe quanto à babá, pois o assunto é pertinente a ambas. Nesses casos, o texto estará com outro tipo de fonte. Espero que esta obra contemple os dois lados, para que passem a dialogar mais sem se sentir constrangidas.

A autora

Introdução

Parabéns, babá. Estou congratulando-a porque os pais lhe confiam uma das coisas mais preciosas que possuem: seu filho. Por isso, é importante lembrarmos que, ao começar a trabalhar em uma casa, você terá muitas dúvidas e também se sentirá cobrada. Isso é normal, pois você ainda não conhece a fundo as regras da casa e a dinâmica familiar. Mas o que deve ficar bem claro é que ser escolhida para tal tarefa é um grande sinal de confiança no seu trabalho.

Cada família tem uma série de normas e hábitos, e você precisará adaptar-se e aprender a respeitá-las. Como ficam suas angústias e inseguranças diante do novo? Antes de agir, é necessário saber o que esperam de você. Como se devem arrumar os armários? E o lanche da escola? Você pode pedir à criança que participe da arrumação do quarto? É muito importante que você saiba expor uma dúvida, uma chateação ou uma necessidade, para que não se torne uma pessoa tensa, com medo. E para isso é necessário saber se comunicar com os pais e tirar rapidamente todas as

dúvidas que surgirem. Fale sobre tudo, do machucado na perna da criança a algum pedido especial.

Viver em grupo é um dos maiores desafios que podemos encontrar ao longo da vida; então, quanto mais aprendermos a conversar, melhor. Qual a melhor maneira de iniciar essa conversa? Se você tiver um familiar ou uma amiga de confiança, conte-lhe o problema, assim não se sentirá sozinha e até poderá receber uma dica. Saiba também selecionar as amizades, pois muitas pessoas querem mesmo é ver o seu fracasso e acabam incentivando-a a ter uma atitude grosseira.

Lembre-se: é no diálogo com os pais e no cuidado com a criança que se estabelecem os laços de confiança de que você, com certeza, é merecedora.

1

Um retrato da babá

COMO A BABÁ SE VÊ?

Como alguém fundamental na família, pois percebe que todos precisam dela para os cuidados com as crianças. A babá sabe que tem atitudes de mãe, mas nunca será a mãe da criança. Cuida delas quando a mãe está presente ou ausente, sempre se baseando nas regras desta.

COMO A BABÁ É VISTA?

Como alguém que está em casa para cuidar da criança e atender com bom senso às suas necessidades. Ela não pode deixar que nada de ruim aconteça.

POR QUE A BABÁ PODE TER TANTAS DÚVIDAS?

Passar 24 horas por dia em companhia de uma família que não é sua e convivendo com regras diferentes das que aprendeu é

difícil para qualquer pessoa. Por isso, a babá sempre fica em dúvida de como agir ou o que dizer em determinada situação.

Certas informações são dadas desde o início da contratação, mas algumas mães falam mais, outras menos, e somente no dia a dia você entrará em contato com a realidade daquela família. Outras mães acham que a babá já sabe tudo sobre a rotina de uma criança, mas a experiência da babá em outras casas nem sempre se encaixa no estilo da família atual, causando grandes surpresas. Nem todas as surpresas são ruins, mas, em vez de arriscar, pergunte antes como você deve agir. Nem sempre é fácil fazer tantas perguntas à mãe e você pode até ter medo de transmitir insegurança, mas perguntar quando tiver dúvidas ainda é a melhor solução. Por exemplo, você está em dúvida sobre a arrumação do guarda-roupa da criança. Como as roupas são separadas? Por cor? De inverno e verão? As camisetas de manga curta estão em uma pilha e devem continuar separadas das de manga comprida? Tem uma gaveta só para o uniforme da escola?

Porém, fique tranquila: conforme o tempo passa e a rotina entra nos eixos, as dúvidas diminuem.

QUAIS SÃO AS PRINCIPAIS DIFICULDADES DA PROFISSÃO?

Ficar longe da família e dos amigos, passar longos períodos fora da própria casa, ter pouco tempo para cuidar de si, lidar com crianças sem limite e enfrentar conflitos com as mães são as principais queixas das babás. Algumas sonham em mudar de profissão, trabalhar em uma área que não exija dormir fora de casa e trabalhar nos finais de semana. Várias já tentaram procurar outro tipo de emprego, mas não conseguiram por falta de escolaridade.